



## 9º Simposio de Ensino de Graduação

### O SURDO: MEIOS DE COMUNICAÇÃO

#### Autor(es)

---

GIULIELE APARECIDA DOS SANTOS OLIVEIRA

#### Orientador(es)

---

ELINE TEREZA ROZANTE PORTO

#### 1. Introdução

---

Surdez ou deficiência auditiva é o nome que se dá para as pessoas que possuem insuficiência da capacidade de decodificar sinais sonoros (DANGELO e FATINI, 2002). Para compreender melhor estes sinais algumas pessoas utilizam meios para facilitar a comunicação, por exemplo, os aparelhos auditivos, leitura labial, oralismo ou o método da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Desde pequena temos contato direto com uma pessoa surda - nossa irmã mais velha. Com tanta dificuldade e por todas as experiências vividas com nossa irmã, temos inúmeros motivos para aprender e compreender melhor sobre as características do surdo e a sua inclusão na sociedade de modo geral.

Assim, sentimos o desejo de conhecer um pouco melhor as pessoas que apresentam essa patologia e relacioná-la a um dos conteúdos da Educação Física – a dança, o qual pode colaborar com esta clientela de maneira global e por inteiro.

A dança sempre significou muito para nós, estudar a dança, escrever sobre a dança, assistir espetáculos de dança, enfim dançar... São ações que nos motivam há alguns anos e estiveram presentes em diferentes etapas de nossas vidas. Anos atrás, nós já sentíamos prazer em dançar, sem refletirmos sobre esta ação, mas desfrutando tudo o que ela proporcionava a nós de modo bem intenso. Como esses dois temas são de grande importância e significado em nossas vidas, resolvemos uni-los e estudá-los nesse trabalho de conclusão de curso.

Com a dança, Taylor (1994) afirma que, as crianças com deficiência auditiva podem gostar de ritmos naturais, mesmo sendo totalmente surdos. Elas sentem prazer em dançar, o que também as ajuda a aprender como coordenar seus movimentos, de forma a contribuir no desenvolvimento motor, psicológico e na sua vida social.

Alguns questionamentos surgiram ao começarmos a pensar sobre este estudo: Como se caracteriza a deficiência auditiva, a surdez? Como as pessoas surdas apresentam os seus domínios: cognitivo, motor, afetivo e social? Qual a relação entre dança e a surdez? Qual deve ser a melhor forma de ensinar a dança (LIBRAS, gestos, oralismo, sinalização) para os surdos? Qual a forma mais eficaz de comunicação no processo do ensino aprendizagem da dança para os surdos?

Esses questionamentos que nos deram base para fundamentar o nosso trabalho.

#### 2. Objetivos

---

Conhecer as características biológicas, sociais, motoras e afetivas das pessoas com deficiência auditiva.  
Aprofundar e compreender os meios de comunicação utilizados pelos surdos.

### 3. Desenvolvimento

---

Este trabalho se caracteriza pela pesquisa bibliográfica. Realizamos levantamentos de obras as quais versavam sobre o tema no acervo da biblioteca da UNIMEP (Universidade Metodista de Piracicaba) e em sites acadêmicos como: Scielo, CAPES, Scholar Google, FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos) e INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos). Após seguiremos os passos desse tipo de pesquisa: seleção das obras, leitura, análise e interpretação do material selecionado e construção do texto.

A audição é a capacidade de percepção e análise do som. O som é apreendido pelo ouvido e analisado pelo cérebro. Para Parker (1997) existem diversos fatores para se proceder à caracterização do som, sendo os principais a pressão sonora e a frequência. O nível da pressão sonora que se dá a intensidade ou volume de um som é expresso em decibéis (dB). Um valor baixo de dB indica estarmos na presença de um som fraco onde o mais baixo que podemos perceber mede mais ou menos 10 a 15 dB; enquanto um valor alto de dB indica um som forte. Já a frequência define-se pelo número de vibrações por segundo e é medida em Hertz (Hz). As notas mais baixas que o ouvido humano pode captar tem frequência cerca de 15 a 20 Hz e as mais altas de 15 mil a 20 mil Hz. O som é produzido quando alguma coisa faz o ar se mover. Esse movimento chama-se vibração.

Costa e Gorgatti (2005); Duarte e Lima (2003) destacam que as perdas significativas da audição podem ser divididas em quatro categorias e nos seguintes níveis: Perda Auditiva Leve - entre 15 á 30 dB; Perda Moderada - entre 31 a 60 dB; Perda Auditiva Severa - entre 61 a 90 dB e Perda Auditiva Profunda - limiares superiores a 91 dB.

#### 1 Causas e Conseqüências da surdez

A deficiência auditiva congênita tem sua origem em causas endógenas ou exógenas. Definem-se as causas endógenas pela proveniência de herança genética, no momento da concepção; as exógenas não são ocasionadas por fatores hereditários, mas determinadas por condicionantes que provocam a alteração do meio intra-uterino, principalmente, nos três primeiros meses da gravidez (FERNANDES, 1990).

As deficiências auditivas podem ser classificadas em condutiva, neurossensorial e mista.

A surdez condutiva é causada por um problema localizado na orelha externa ou média, que tem função de "conduzir" a passagem da vibração sonora até o ouvido interno. Está deficiência, em muitos casos, é reversível e geralmente não precisa de tratamento com aparelho auditivo, apenas cuidados médicos (FERNANDES, 1990).

Se o dano ocorrer nas terminações nervosas ou nas células ciliadas da orelha interna, a perda auditiva é neurossensorial; se o dano ocorrer nas vias nervosas do sistema nervoso auditivo central, será chamada de deficiência auditiva central (BESS E HUMES, 1998).

A deficiência auditiva mista ocorre quando há ambas as perdas auditivas: condutiva e neurossensorial numa mesma pessoa (WINNICK, 2004).

#### 1.1 Defasagens motoras/físicas

Para Gorgatti e Costa (2005), a dinâmica corporal da pessoa com deficiência auditiva se encaixa nas informações emitidas pelos órgãos dos sentidos e, se bem explorada, elas permitem ajustar o equilíbrio aos padrões de normalidade; mas se este for isolado do contexto social, ele terá agravamento nos níveis motores. Deve ser considerado o conjunto de fatores que afetam o equilíbrio da pessoa com deficiência auditiva, destinar especial atenção ao seu desenvolvimento, buscando sempre melhorias. Os casos de surdez sensorio-neural são os mais prejudicados no equilíbrio, por conta, do aparelho vestibular ser afetado.

Gorgatti e Costa (2005) continuam afirmando que a criança com deficiência auditiva se não for precocemente estimulada, pode ter outros prejuízos motores, além do equilíbrio e também pode possuir uma velocidade de movimento inferior a de crianças normais, além de problemas de coordenação motora, ritmo e noção espaço-temporal. Porém, essas sequelas podem ser amenizadas ou até eliminadas com a estimulação motora desde os primeiros meses de vida e com a introdução posterior de atividades físicas orientadas na fase escolar.

#### 1.2 Defasagens cognitivas/afetivas

No aspecto mental junto às características comportamentais e afetivas, Calazans (2005) explica que se compreendermos como funcionam as mentes das pessoas com deficiência auditiva, podemos ser capazes de fornecer-lhes as ferramentas adequadas para ajudá-los na construção de suas personalidades e em suas características.

Saad (2005) diz que, aprender não é apenas um ato psicomotor; sobretudo é um processo cognitivo que resulta do aprimoramento da função das grandes vias aferentes, portanto sensitivas e sensoriais (audição e visão) que, ao carrear os diversos tipos de estímulos às respectivas áreas do córtex encarregadas de decodificá-los, permitem que estes sejam percebidos (gnosias), por isso, a potencialidade cognitiva, a atenção, concentração e a perseverança devem seguir junto a algumas variáveis como: etiologia da surdez, causas, classificações e algumas defasagens. O processo da aprendizagem é complexo e a capacidade de aprender para os surdos começa desde a fase intra-uterina.

#### 1.3 Defasagens sociais

Para Duarte e Lima (2003), quando a família recebe o bebê com algum tipo de deficiência, algumas percorrem pelo caminho da aceitação e outras da rejeição. E uma das consequências da rejeição é o isolamento, prejudicando assim o desenvolvimento do indivíduo. Já no caso da aceitação, maior será o comprometimento do desenvolvimento neurológico, psicológico, motor, social e cultural do indivíduo.

Os surdos dentro das características sociais acabam criando sua própria cultura e comunidade na qual chamamos de “comunidade surda”.

O conceito de comunidade de surdos traz a possibilidade da explicação e diferenciação que se tem do “Surdo” e do “surdo”. Quando se usa “Surdo” refere-se ao indivíduo que não está sendo caracterizado por sua deficiência, mas pelas condições de pertencer ao grupo minoritário com direito a uma cultura própria e a de ser respeitado na sua diferença. Já o termo “surdo” refere-se só as condições audiológicas de não ouvir (MOURA, 2000).

## **2 Meios de Comunicação dos Surdos**

Para que os surdos pudessem se comunicar melhor com o mundo, no decorrer dos tempos foram desenvolvidos alguns meios para facilitar a comunicação, por exemplo, os aparelhos auditivos, leitura labial, oralismo, bilingüismo, comunicação total e o método da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

### **2.1 Libras**

Libras é a sigla da Língua Brasileira de Sinais, usada pelos sujeitos surdos e comunidades envolvidas, como pais, intérpretes, etc. é a língua natural dos sujeitos surdos, reconhecida por lei; é uma língua visual-espacial, ou seja, a realização dessa língua não é estabelecida através do canal oral-auditivo, mas através da visão e da utilização do espaço; articulada através das mãos, das expressões faciais e do corpo. As Línguas de Sinais (LS) ao contrário do que muitos imaginam; não são simplesmente mímicas e gestos soltos, utilizados pelos surdos para facilitar a comunicação. São línguas com estruturas gramaticais próprias, assim como as outras línguas (QUADROS, 1997).

### **2.2 Oralismo**

O oralismo se baseou em muitas técnicas, que foram se desenvolvendo com o avanço da tecnologia (eletroacústica: aparelhos de amplificação sonoros individual e coletivos, para um maior aproveitamento dos restos auditivos) (MOURA, 2000). No mundo todo, a partir do Congresso de Milão, o oralismo foi o referencial assumido e as práticas educacionais vinculadas a ele foram amplamente desenvolvidas e divulgadas. Os trabalhos desenvolvidos com esse método não mostraram grandes sucessos e bons resultados. A maior parte dos surdos profundos não desenvolveu uma fala socialmente satisfatória e, em geral, esse desenvolvimento era parcial e tardio em relação à aquisição da fala apresentada pelos ouvintes, implicando um atraso de desenvolvimento global significativo (LACERDA, 2009).

### **2.3 Bilingüismo**

O bilingüismo na surdez surgiu na década de 1980. Devido ao acesso da criança o mais precocemente à língua de sinais e à linguagem oral, porém ambas não devem ser assimiladas simultaneamente por serem de estruturas diferentes entre elas. A língua de sinais deve ser adquirida por meio da interação entre a criança e o adulto surdo e a linguagem oral seria para fornecer à criança pelo adulto ouvinte, surgindo como segunda língua (SANTANA, 2007).

### **2.4 Comunicação total**

A comunicação total para Santana (2007) apresenta ser do tipo “vale tudo”, por não questionar o papel da linguagem oral e da língua de sinais. Criou-se uma língua “artificial” com o objetivo de ensinar a gramática da língua falada ao surdo, como se fosse um processo individual e não social; portanto a idéia de que, o que vale é se comunicar acaba prejudicando a aquisição de uma matriz de significação que possa ser base para a aquisição da linguagem e para o desenvolvimento cognitivo.

A mesma autora coloca que vem sendo discutida esta questão da comunicação total, tanto no âmbito linguístico quanto no educacional e que a comunicação total apesar de ser considerada uma abordagem que não considera a questão linguístico-cognitiva, ainda é muito utilizada. Por exemplo, alguns professores e fonoaudiólogos acreditam utilizar a abordagem bilíngue na teoria, enquanto na prática realizam a comunicação total.

## **4. Resultado e Discussão**

---

O presente trabalho encontra-se em construção, e por essa razão ainda não obtivemos todos os resultados, porém, até o presente momento podemos entender que os surdos possuem características diferentes, nas quais podem ser trabalhadas. Podemos colocar também que os meios de comunicação entre os surdos são essenciais para eles poderem se expressar e se comunicar com o mundo dos

ouvintes, ou seja, a sociedade em geral.

## 5. Considerações Finais

---

Através da pesquisa bibliográfica realizada até o presente momento é possível verificar que muito aprendemos sobre a pessoa com deficiência auditiva, especialmente sobre suas características.

Contudo, vemos que as pessoas com deficiência auditiva possuem características que as diferenciam das pessoas ouvintes. Porém, isso não significa que seus limites, potencialidades, sentimentos e necessidades não deveram ser supridas.

Portanto, no decorrer desse semestre daremos continuidade nos assuntos sobre as diversas formas de comunicação do surdo, a incidência, as vantagens, benefícios e cuidados de todas elas. Apresentaremos também a dança e alguns aspectos significativos como: história da dança, ritmo e movimento, bem como, a contribuição desta na educação e desenvolvimento do ser humano, em especial dos surdos; alguns estilos e a dança adaptada ao surdo e pretendemos nos aprofundar principalmente, sobre o surdo envolvido com a dança e como será a comunicação deste durante o ensino aprendizagem da mesma.

## Referências Bibliográficas

---

BESS, F. H.; HUMES, L. E. **Fundamentos de Audiologia**, 2ª ed., Porto Alegre: Artmed, 1998.

CALAZANS, H. X. S. A inclusão social de criança com deficiência. **Espaço, Informativo Técnico-Científico do INES**. Rio de Janeiro: INES, n. 25, p. 74-77, jul/dez, 2005. ISBN 0103-7668.

DANGELO, J. G.; FATTINI, C. A. **Anatomia Básica dos Sistemas Orgânicos**. São Paulo: Atheneu, 2002.

DUARTE, E.; LIMA, S. M. T. **Atividade física para pessoas com necessidades especiais: experiências e intervenções pedagógicas**. Rio de Janeiro/RJ: Guanabara Koogan, 2003.

**FENEIS- Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos**. Disponível em: <http://>. Acesso dia 15 de junho de 2011.

FERNANDES, E. **Problemas Lingüísticos e Cognitivos do Surdo**. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. **Atividade Física Adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. Barueri/SP: Manole, 2005.

LACERDA, C. B. F. de. **O intérprete de língua Brasileira de Sinais: Investigando Aspectos de sua atuação na educação infantil e no ensino fundamental**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

LIMA, S. M. T.; SOUZA, N. T.; TREVISAN, R. A. Experiência integrativa com o voleibol: apontamentos para o educador. In: DUARTE, E.; LIMA, S. M. T. **Atividade física para pessoas com necessidades especiais: experiências e intervenções pedagógicas**. Rio de Janeiro/RJ: Guanabara Koogan, 2003.

MOURA, M. C. **O Surdo: caminho para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

PARKER, S. **O Ouvido e a Audição**. São Paulo: Scipione, 1997.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre/ RS: Artes Médicas, 1997.

SAAD, T. I. Surdez, aprendizagem e atenção. In: IV Congresso Internacional e X Seminário Nacional do INES, 2005, Rio de Janeiro. **Anais do Congresso Surdez e Universo Educacional**. Rio de Janeiro: INES, 2005, p. 58-62.

SANTANA, A. P. **Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolingüísticas**. São Paulo: Plexus, 2007.

TAYLOR, B. **Conviver com o surdo**. São Paulo: Scipione, 1994.

WINNICK, J. P. **Educação Física e Esportes Adaptados**. Barueri/ SP: Manole, 2004.